



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JOÃO MATIAS DA SILVA NETO

**NÃO SE NASCE PROFESSOR, TORNA-SE PROFESSOR: UM CAMINHO CRÍTICO
E REFLEXIVO A RESPEITO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO**

**CAMPINA GRANDE
2018**

JOÃO MATIAS DA SILVA NETO

**NÃO SE NASCE PROFESSOR, TORNA-SE PROFESSOR: UM CAMINHO CRÍTICO
E REFLEXIVO A RESPEITO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras
com habilitação em Língua Portuguesa da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ludmila Mota de
Figueiredo Porto.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva Neto, João Matias da.
Não se nasce professor, torna-se professor [manuscrito] : um caminho crítico e reflexivo a respeito da diversidade de gênero / Joao Matias da Silva Neto. - 2018.
36 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugueses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Ludmila Mota de Figueiredo Porto, Coordenação do Curso de Letras Portugueses - CEDUC."
1. Diversidade de gênero. 2. Licenciatura em letras - UEPB. 3. Língua portuguesa. 4. Dialogismo. 5. Compreensão ativa. 6. Análise dialógica do discurso. 7. Formação docente. I. Título
21. ed. CDD 306.76

JOÃO MATIAS DA SILVA NETO

NÃO SE NASCE PROFESSOR, TORNA-SE PROFESSOR: UM CAMINHO CRÍTICO E REFLEXIVO A RESPEITO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO

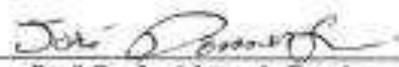
Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras.

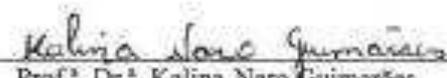
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 28/11/2018

BANCA EXAMINADORA

 (9,5)
Prof.ª. Dr.ª. Ludmila Mota de Figueiredo Porto (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 (9,5)
Prof. Dr. José Josemir Domingos da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 (9,5)
Prof.ª. Dr.ª. Kalina Nara Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação, amor e confiança,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Amasile Coelho Lisboa, chefe do departamento de Letras, por seu empenho. E também, por ter sido a primeira professora aqui na UEPB a me fazer acreditar que tudo seria possível. A primeira professora em toda minha caminhada estudantil que me fez perceber que escrever assim como quase tudo na vida é construção.

À professora Cléa Gurjão, pelas leituras sugeridas ao longo da minha primeira orientação como monitor da disciplina de Língua Portuguesa I e pela dedicação do seu trabalho.

À Magliana Rodrigues que me ensinou a explorar a melhor parte de mim fazendo com que eu polvilhasse amor e confiança sobre meus trabalhos acadêmicos e em especial nas minhas sequências didáticas, obrigado por ter me guiado, por ter me ensinado e principalmente obrigado por ter sido a luz que guiou-me até meu sonho: ser professor.

Ao exímio professor José Josemir Domingos que aceitou participar da fase final do meu trabalho, avaliando-me e contribuindo com suas perfeitas ponderações.

À professora Kalina Naro que também aceitou avaliar-me com suas peculiares palavras que transcendem um olhar linear da palavras.

Ao meu pai meu orgulho e meu abrigo, a minha mãe minha maior inspiração e a quem eu devo por ser quem eu sou, aos meus irmãos e em especial a minha irmã que também é minha melhor amiga, obrigado por acreditar em mim. Gratidão a todos meus familiares e amigos.

A minha avó (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força sempre. Sinto que sua frase está enfim se concretizando “Você será muito feliz”.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da UEPB, em especial, ao meu querido e encantador Jhonatan Leal da Costa por ter me propiciado a ir além nos estudos de gênero e sexualidade, a Francisca Zuleide Duarte, Nelsânia Batista, a meu querido professor “Marcelão”, Luciano Justino, Ana Lúcia, Tânia Augusto, Simone Dália, Clara Regina e ao professor Edson Tavares, que contribuíram ao longo de quatro anos dessa graduação, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento da minha formação acadêmica.

Aos funcionários da UEPB, em especial, aos queridos do departamento e da coordenação do curso de Letras Língua Portuguesa, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

As colegas de classe Tatiane, Adna, Angelica, Andressa, Jemya, Ana Daniele, Sara Gomes, Amanda Gabriela e Jessica Silva, pelos momentos de amizade e apoio. E as minhas escudeiras leais, Lucrecia Dias vulgo a “Lucretx”, pessoa na qual me fez rir quando as lágrimas queriam cair, a pessoa que acreditou e lutou por mim quando eu não pude. A minha amiga leal que permeiam os âmbitos profissionais e pessoais, Marília Daniele, a quem dedico minha eterna lealdade e companheirismo. E também a minha companheira de estágio e PIBID Kelly Almeida.

Ao João Vitor, gratidão por ter me propiciado um norte a respeito da fase final da minha pesquisa.

Ao meu “Porto”, não existe palavras para expressar o quanto sou grato à professora Ludmila Mota de Figueiredo “Porto”. Gratidão por me propiciar chegar até aqui, obrigado por me fazer ir além acreditando que ser professor de verdade é o passo inicial para um mundo melhor, sem você eu não conseguiria realizar meu sonho. Você é na minha mais humilde opinião a maior fonte de toda minha inspiração acadêmica.

Por fim, agradeço a força superior do universo que carinhosamente chamo de Deus, pai, ou papai e as energias positivas que me cercam.

“Torna-te quem tu és.”

Friedrich Nietzsche.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	ENTRAVES INICIAIS.....	13
3	METODOLOGIA.....	15
3.1	Tipo de pesquisa.....	15
3.2	Contexto da pesquisa, população e instrumentos.....	15
3.3	O método dialógico-discursivo de análise de dados.....	18
4	IDENTIDADES DE GÊNERO E A TEORIA/ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO.....	19
5	COMPREENDER, REFLETIR E (RE)PENSAR.....	22
6	CONCLUSÃO.....	28
	REFERÊNCIA.....	31
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO.....	33
	ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	34

NÃO SE NASCE PROFESSOR, TORNA-SE PROFESSOR: UM CAMINHO CRÍTICO E REFLEXIVO A RESPEITO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO

João Matias da Silva Neto¹

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo refletir sobre como gênero é compreendido por estudantes do Curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) da UEPB e como os mesmos se comportam diante da temática, uma vez que esses sujeitos devem se preparar para lidar com identidades de gênero diversas em sala de aula. Esta pesquisa foi dirigida pelas reflexões do Círculo de Bakhtin acerca do enunciado concreto, do dialogismo, da compreensão ativa e responsiva e da ideologia do cotidiano. Assim, o trabalho seguiu dois passos iniciais para sua realização: o primeiro foi o mapeamento e a descrição das identidades de gênero que emergem entre os estudantes de Letras (Língua Portuguesa) da UEPB; o segundo, concomitante ao primeiro, foi a distinção, entre esses estudantes, de identidades de gênero diversas. A partir disso, houve uma triagem para realização das entrevistas, que buscaram compreender qualitativamente os sentidos que aparecem e circulam nos enunciados dos referidos estudantes sobre as questões de gênero, estabelecendo as relações dialógicas desses discursos com outros discursos, através do método dialógico-discursivo de análise de dados, que propiciou um espaço de diálogo entre pesquisadores e sujeitos (estudantes de Letras, futuros professores), para compreendê-los, via discurso, em seu contexto social. À vista disso, este estudo concluiu que compreender gênero através dos discursos de estudantes de Letras pode, inicialmente, situar o tratamento da temática no referido curso de licenciatura, para contribuir com uma formação de professores mais inclusiva e, desta forma, respaldar a necessidade de discussão sobre gênero e diversidade como algo complementar à carreira docente.

Palavras-Chave: Diversidade de Gênero. Compreensão. Letras. Análise Dialógica do Discurso. Formação de professores.

¹ Aluno de Graduação em Licenciatura em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: joao.matias13@hotmail.com.br

1 INTRODUÇÃO

Muito tem se falado sobre o conceito de gênero nos últimos anos, sobretudo a partir do aparecimento de pessoas que não se identificam com o seu sexo biológico: masculino e feminino. O não enquadramento de sujeitos em homens e mulheres fez surgir a diversidade de gênero na sociedade contemporânea, já que, diferentemente do sexo, o gênero é uma categoria socialmente construída:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2016, p. 25-26).

A presença de diversas identidades de gênero na sociedade, no entanto, não é passivamente aceita, e ainda há muito desconhecimento sobre o assunto. Por isso, acreditamos na necessidade de uma formação adequada para esses estudantes – futuros professores – sobre as questões que envolvem gênero. Assim, partimos da hipótese de que a compreensão dos discursos sobre gênero podem (re)orientar o tratamento da temática nos cursos de licenciatura, para uma formação de professores mais inclusiva quanto à diversidade.

Para compreender esse tema, foi preciso questionar, como marco inicial da nossa pesquisa, sobre a compreensão preliminar de gênero por estudantes do Curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) da UEPB. Nesse primeiro momento, lançamos mão da nova hipótese de que os referidos estudantes entendem gênero e sexualidade como conceitos semelhantes, já que não possuem formação sobre isso.

Mediante essa realidade de pesquisa, procuramos nos familiarizar com a complexa temática de gênero, através da leitura de textos teóricos que nos levaram a compreender gênero a partir do movimento feminista, que surgiu modernamente nos Estados Unidos, em meados da década de 1960 (CONNELL; PEARSE, 2015).

Esse movimento se fortaleceu na década de 1970 e esteve associado a outros levantes populares da época: a luta pela moradia digna; pela educação, através da criação de creches que atendessem filhos de professores e operários de fábricas; por melhores condições de vida, como o acesso à água encanada, energia elétrica e ao transporte público que contextualizamos essas lutas no Brasil. Dessa maneira, o

movimento feminista estabeleceu forte relação com movimentos políticos do momento, a exemplo da busca pela anistia dos presos políticos da ditadura militar, o combate ao racismo, a briga pela garantia da terra aos indígenas e o movimento dos homossexuais (CORRÊA, 2001).

Podemos refletir sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, sabendo que, através de conquista e delimitações do movimento de mulheres por igualdade de gênero, é que houve a busca pela quebra de ideias de opressão pelos homens, já que os homens possivelmente, durante muito tempo, foram bem remunerados por seu trabalho fora de casa, limitando, assim, a mulher aos trabalhos e cuidados domésticos com a família, sem receber nenhum reconhecimento social ou financeiro. Nesse âmbito de limitações, ainda fica restrito às mulheres que possuem filhos a dependência de seus companheiros que, por muitas vezes, geram situações de conflito e violência, desde que os homens consideram como propriedades sobre as quais exercem poder (CONNELL; PEARSE, 2015).

Assim sendo, lutar pela igualdade de direitos entre os gêneros masculino e feminino é uma luta que perpassa questões temporais. É só a partir das conquistas femininas atuais, das lutas pelas quais a mulher vem conquistando autonomia, em espaços profissionais, no seio família e da sociedade, que podemos intensificar, e, de fato, estudar as questões que norteiam de modo geral a compreensão de gênero na contemporaneidade.

As pesquisas modernas sobre esse tema foram disparadas a partir do movimento de mulheres por igualdade de gênero. Há uma razão simples para tal: a maior parte das ordens de gênero ao redor do mundo privilegia os homens e confere desvantagens às mulheres. Por outro lado, os pormenores disso não são tão simples. Há diferentes formas de privilégios e desvantagens, e a balança da desigualdade de gênero varia de lugar para lugar. Os custos do privilégio podem ser altos. Até mesmo a definição de quem pode ser considerado homem ou mulher é passível de contestação (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 26).

No contexto em que a desigualdade de gênero pode ocultar manifestações de violência, precisamos discutir sobre como a diversidade de gênero hoje, no século XXI, é vista por estudantes de Letras, a fim de refletir sobre a incorporação da temática no campo da formação de professores.

Nesse cenário, é plausível destacarmos a sofisticação na compreensão sobre as dinâmicas de gênero, pois esta requer que se ultrapasse a tradicional subdivisão social entre homens e mulheres, quebrando um pouco com as ideias binárias. As dificuldades

relacionadas à desigualdade de gênero e à violência que também permeiam os diversos âmbitos sociais – inclusive a universidade – instituição que abriga pessoas que já não mais se identificam com nenhum dos lados feminino e masculino.

A crença de que distinções de gênero são “naturais” faz as pessoas se escandalizarem quando alguém não segue o padrão, assim sendo, quando há qualquer tipo de quebra a questões padrões de gênero, imediatamente há uma ruptura no “natural”, estabelecido pela grande massa popular, e corroborando então a classificação de que a não seguir esses padrões é algo não natural, algo ruim.

Conforme esclarece Moita Lopes, sobre essa problemática da diversidade:

Essas óticas têm nos aproximado cada vez mais de outras narrativas sobre quem podemos ser, trazendo questionamentos sobre os limites alteritários para dentro de nossas casas, aumentando e desafiando nossos repertórios de sentidos, bem como provocando incertezas, desequilíbrios e ambiguidades em paradigmas binários e polares sobre como estar na vida social, e nos colocando, assim, na fronteira, no fluxo e em um contínuo devir. Por outro lado, tal visão não acarreta a compreensão de que as referências identitárias binárias tenham deixado de existir: muitas são as reações essencialistas (algumas raivosas!) que persistem, apesar dos movimentos de desestabilização das tradicionais polaridades identitárias encontráveis em toda parte (MOITA LOPES, 2010, p. 12).

Logo, é a partir do vivenciamento das fronteiras, do “estar na vida social” em fluxo, que nós encontramos a necessidade de repensar a posição do professor(a) diante dos fatos no cotidiano, fatos esses que estão emergindo em âmbitos sociais e, por isso, o professor precisa colocar-se diante de uma postura respeitosa sobre qualquer tipo de diversidade gênero, raça, sexualidade, dentre outras.

Nesse sentido, acerca do gênero, é necessário entender/repensar que não existe apenas a limitação binária que nos fora imposta durante muito tempo, pois, no hoje, podemos ver e entender a diversidade que comporta a complexidade do ser humano. Por outro lado, a existência de um desacordo acerca da compreensão sobre gênero propicia a necessidade de produzir e divulgar melhor o conhecimento sobre a diversidade que envolve o conceito. Assim, esta pesquisa buscou uma postura científica politicamente comprometida, mediante a necessidade de tratar gênero não apenas como uma questão pessoal que diz respeito à igualdade entre as pessoas, mas como uma questão social ampla que põe em relevo a desigualdade, a violência e o desrespeito aos direitos humanos.

Norteados por esses pressupostos teóricos e pela justificativa da importância desta pesquisa, o objetivo geral deste trabalho é, através da Análise Dialógica do

Discurso, refletir sobre como o conceito de gênero é compreendido por estudantes do Curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) da UEPB – futuros professores do Ensino Básico e que, presume-se, devem estar preparados para lidar com essas diversidades em sala de aula.

Para tal, iremos:

- a) Mapear e descrever as identidades de gênero que emergem entre os estudantes da graduação de Letras (Língua Portuguesa), campus I;
- b) Selecionar, entre esses estudantes, identidades de gênero diversas, para realização de entrevistas;
- c) Analisar qualitativamente os sentidos que aparecem e circulam entre os referidos estudantes, estabelecendo as relações dialógicas desses discursos com o discurso alheio;
- d) Por fim, compreender como os discursos sobre gênero podem (re)orientar o tratamento da temática nos referidos cursos de licenciatura, para uma formação de professores mais inclusiva quanto à diversidade.

Vale ressaltar que a construção deste trabalho é resultante do projeto de pesquisa intitulado “Compreender gênero no curso de licenciatura em letras: uma questão necessária à formação de professores”, desenvolvido na cota PIBIC 2017/2018, também sob a orientação da Prof^a Dr^a Ludmila Mota de Figueiredo Porto.

No tópico seguinte, apresentaremos os entraves iniciais e fundamentação teórica que anteciparam os aspectos metodológicos e contextuais da pesquisa, isto é, o tipo da pesquisa, o contexto no qual ela foi realizada, o instrumento que foi empregado para a coleta de dados, contendo também a população colaboradora deste estudo, bem como a apresentação do método de análise.

Adiante, realizaremos a análise dos dados coletados, com intuito de aprofundar a discussão e suas possíveis consequências para a formação de professores, posteriormente apresentaremos a consonância das considerações finais do referido trabalho.

Por fim, com este trabalho, buscamos o desenvolvimento de um estudo da literatura contemporânea no âmbito dos estudos de gênero, os quais envolvem um aprofundamento da discussão a partir de um olhar transdisciplinar, bem como a experimentação de teorias, métodos em suas relações com o meio social e as epistemologias de nossa época, com o intuito de propiciar uma maior repercussão sobre os estudos de gênero, que ainda são recentes e tímidos nas universidades da Paraíba.

Além disso, buscamos o tratamento das questões de gênero a partir da Linguística, com foco na formação de professores, de maneira a estender indiretamente os resultados do estudo às salas de aulas do Ensino Básico, através da formação de professores.

2 ENTRAVES INICIAIS

A priori, sabemos que a universidade é um âmbito social que propicia aos estudantes um espaço de discussão visando seu crescimento intelectual. Sob essa perspectiva, vários estudos científicos, em diversas áreas (Antropologia, Sociologia, Direito, Linguística, Educação etc.) têm sido desenvolvidos e o número de pesquisas também vêm crescendo ano após ano, dessa forma, resultando em estudos pertinentes que fazem refletir o comportamento da sociedade e suas nuances sob o desenvolvimento humano, podemos afirmar isto através de plataformas como por exemplo a SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) que é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet. Para tal, podemos citar nos estudos de gênero Butler (2016); Connel e Pearse (2015) e Corrêa (2001); na realidade brasileira, Louro (1997), e Moita Lopes (2010).

A universidade vem abrindo espaço para um olhar mais crítico e reflexivo que respalda a percepção do aluno universitário sobre questões delicadas e que precisam de um aprofundamento científico e acadêmico. Ainda que a universidade esteja sob esse viés que proporciona um estudo mais detalhado sobre questões pertinentes ao desenvolvimento da capacidade intelectual do aluno, é preciso (re)pensar quais são os âmbitos que ainda devem ser explorados, quais as dificuldades que ainda emergem sob esse âmbito universitário. Especificamente neste trabalho, nos interessamos pelas questões que envolvem a diversidade de gênero no campo universitário.

Pautados nesse espaço reflexivo da universidade, numa perspectiva inicial, encontramos no desenvolvimento do trabalho uma primeira dificuldade. Pesquisas acadêmicas no curso de licenciatura em letras com a palavra-chave “gênero” são constantes, por isso ao iniciarmos o levantamento bibliográfico deste estudo pudemos identificar como “gênero”, no curso de letras, é automaticamente ligado à questão dos gêneros textuais.

A partir disso, houve a primeira reflexão no âmbito da pesquisa: era preciso modificar a descrição de “gênero” para “identidade de gênero”, com intuito de fazer com a temática fosse de fato compreendida pelas ferramentas de busca. Através desse marco inicial tornou-se possível pesquisar sobre a problemática da compreensão de identidade de gênero no âmbito universitário.

Apesar das dificuldades encontradas na área de pesquisa, cabe aqui falar sobre os estudos no âmbito da Linguística Aplicada, especificamente aqueles expostos por Moita Lopes (2006), na obra *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Podemos dizer que Linguística Aplicada Indisciplinar resulta de debates em eventos dos quais o organizador participou, de 2001-2004, no Brasil e no exterior. Este marco enfatiza novas possibilidades de teorizar e fazer linguística aplicada, na intenção de familiarizar pesquisadores, e afins com a perspectiva nova, quebrando um pouco com o arquétipo padrão do estudo da Linguística. O professor abrange as questões que propõem construir uma linguística aplicada como área de pesquisa diversificada. Desta forma, podemos ver que neste livro, o autor já defende a ideia de que “todo conhecimento é político e vem de algum lugar” e de que “novos modos de teorizar e fazer linguística aplicada” pressupõem pesquisar politicamente e buscar alternativas para a vida social dos usuários de línguas. Ou seja, o autor aplica sua teoria pautado na ideia de que trabalha em favor de uma LA à aceitação, compreensão desde que linguistas aplicados politicamente engajados desempenham o papel de humanizadores e também desenvolvem seus papéis sociais diante da sociedade.

Ainda sob a perspectiva do entrave inicial, torna-se necessário destacar o receio do pesquisador de que os entrevistados heterossexuais seriam mais fechados à discussão ou até iriam fugir do foco principal, isto sob um viés hipotético inicialmente pensado pelo pesquisador. Porém, indiscutivelmente todos os estudantes heterossexuais estiveram abertos à discussão não só pela compreensão a respeito da temática, mas também preocupados pela formação de professores que, de fato, estava sendo questionada pelos mesmos. Houve opiniões divergentes entre os alunos a respeito da importância em estudar e compreender gênero, o que mostra a riqueza discursiva sobre a temática e a diversidade que é própria dos seres humanos, bem como a relevância de fazer conhecer esses pontos de vista sobre o tema.

3 METODOLOGIA

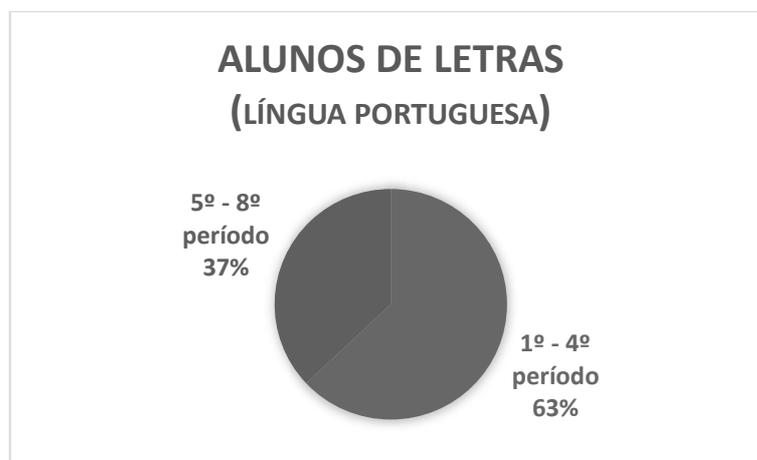
3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa caracterizou-se pelo método de pesquisa qualitativa, assim, buscamos inicialmente não nos preocuparmos com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de como os alunos de Licenciatura em Letras – UEPB compreendem a temática e como seus pontos de vista diversos podem emergir através dessa compreensão.

Para isto, recorreremos às características da pesquisa qualitativa: objetivação do fenômeno; ou seja, a discussão inicial da temática contando com um aporte bibliográfico; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar. Simultaneamente, trabalhamos com a pesquisa de campo, no que diz respeito as investigações em que, além da pesquisa bibliográfica realizadas a priori sobre a temática, caracterizou-se na realização da coleta de dados junto aos alunos de Letras. Métodos apresentados por Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRG, (2009). Pautados nesse tipo de pesquisa podemos citar um estudo sobre a compreensão de gênero nos âmbitos universitários, que teve como objetivo analisar o discurso dos sujeitos em formação.

3.2 Contexto da pesquisa, população e instrumentos

O desenvolvimento da pesquisa deu-se através da coleta de dados na qual foram utilizados dois instrumentos: o primeiro um questionário, em seguida, uma entrevista. O *corpus* deste trabalho foi composto inicialmente por 127 por estudantes matriculados em Letras (língua portuguesa), no *campus* I da UEPB, divididos conforme o gráfico 1:

Gráfico 1 – *Corpus*

Fonte: Porto e Silva Neto (2018)

Conforme o gráfico 1, os 127 alunos que responderam ao questionário foram categorizados de acordo com o “Período cursado”, subdivididos em dois grandes grupos: alunos do 1º ao 4º período e alunos do 5º ao 8º período, os quais denominaremos respectivamente de “iniciantes” e “veteranos”. Os iniciantes representam 63% do *corpus*, e os veteranos, 37%, seguindo a lógica universitária de haver sempre um maior número de alunos nos períodos iniciais, e um menor número nos períodos finais do curso.

Após uma triagem, separamos os alunos que representassem um percentual significativo entre os estudantes de Letras (Língua Portuguesa) da UEPB, nos turnos diurno e noturno, para que os mesmos pudessem participar da entrevista. Essa triagem tomou por critérios a sexualidade e o gênero que os alunos declararam ao responder o questionário, além da variável “período cursado”, buscando levar em conta a sexualidade não normativa e a identidade de gênero não binária (quando apareceram).

Dentre os 17 alunos que se declararam não heterossexuais, selecionamos 3 alunas bissexuais entre os iniciantes e uma aluna homossexual. Entre os veteranos, selecionamos uma aluna homossexual e duas alunas bissexuais. Dos alunos que se declaram como do gênero masculino, selecionamos 4 homossexuais e 2 bissexuais, entre os iniciantes. Quanto aos veteranos, todos os alunos que responderam ao questionário se declararam heterossexuais. Quanto à identidade de gênero, apenas 03 alunos se declararam não binários, sendo um pansexual e transgênero; um assexuado e com identidade de gênero “outro” e um bissexual com identidade não binária (outro).

Procuramos escolher aleatoriamente, dentro desse universo, entre alunos e alunas, iniciantes e veteranos, homossexuais e bissexuais, de forma a equilibrar o número de entrevistados em relação aos que se declaram heteronormativos. Quanto aos últimos, procedemos da seguinte forma: selecionamos 12 alunos, dentro os quais 05 declararam, em suas respostas, que acham absurdo discutir gênero na escola e/ou que pensam que identidades de gênero diversas estão ligadas à homossexualidade da pessoa; os 7 restantes foram escolhidos aleatoriamente, considerando apenas a distribuição equitativa entre os períodos do cursos e dos gêneros masculino e feminino.

Após a escolha/seleção dos participantes a serem entrevistados, o roteiro da entrevista foi elaborado, configurando uma entrevista parcialmente estruturada com algumas questões sobre gênero no âmbito escolar e universitário. Buscamos ainda estabelecer um diálogo mais espontâneo entre entrevistado e entrevistador.

O roteiro da entrevista foi o seguinte:

1. Enquanto aluno (a)(e) do ensino básico e da universidade, você já vivenciou ou presenciou alguém que vivenciou qualquer tipo de situação constrangedora por sua orientação sexual ou por ser não binário? Relate sua(s) experiência(s).
2. Na sua formação enquanto professor(a)(e) de língua portuguesa, há espaço para discussão sobre diversidade de gênero?
3. Como você acha que deve ser a abordagem da diversidade de gênero na universidade, para contribuir para uma formação de professores mais inclusiva?
4. Você já teve um aluno ou uma aluna que apresentasse comportamentos que são considerados diferentes do 'padrão' em relação à sexualidade e ao gênero? Relate sua experiência e, caso não, como você reagiria em determinada situação?
5. Na sua opinião, tratar do tema "diversidade de gênero" na escola é delicado? Por quê?
6. Caso seu companheiro(a) resolvesse mudar de gênero, você o abandonaria?

Pontualmente, na realização da entrevista, consideramos pertinente abrir margem para narrativas sobre gênero, considerando-se que o impulso de contar histórias é próprio do ser humano. Nessa perspectiva, abre-se espaço para a pluralidade de vozes, assim como para a expressão da subjetividade dos entrevistados, que se constroem e afirmam suas identidades enquanto narram (RIESSMAN, 2008).

3.3 O método dialógico-discursivo de análise de dados

De acordo com Bakhtin (2003, p. 401): “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (BAKHTIN, 2003, p. 401). Desta forma, o pesquisador considera necessário “um aprofundamento do sentido, com o auxílio de outros sentidos” (BAKHTIN, 2003, p. 399), de maneira que é preciso “deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de um ponto de vista dialógico, de um embate” (BRAIT, 2006, p. 24).

O método dialógico-discursivo de análise utiliza o levantamento, a descrição e a interpretação de dados para explorar qualitativamente a subjetividade dos sujeitos falantes (SAMPAIO *et al.*, 2006). O conhecimento da natureza de sujeitos históricos, através da linguagem, tem-se mostrado bastante pertinente nos últimos anos (PORTO, 2010; 2015), tendo em vista que permite a compreensão do contexto sociocultural mais amplo, onde são produzidos e circulam esses discursos.

Segundo Amorim (2003, p. 12), a partir do trabalho com a opacidade dos discursos e dos textos: “é que a pesquisa contemporânea pode fazer da diversidade um elemento constituinte do pensamento e não um aspecto secundário”. Ora, busca-se a diversidade de sentidos que circulam em determinado âmbito social, a fim de compreender de que maneira a diversidade de gênero vem sendo trabalhada na formação de professores de língua.

Assim, no método dialógico-discursivo de análise qualitativa, a compreensão é construída a partir do entrelaçamento de sentidos que se revelam em relação dialógica. Compreender esses sentidos sobre gênero é, pois, o primeiro passo para se compreender os sujeitos que ocupam os lugares de futuros professores de língua no ensino básico.

4 IDENTIDADES DE GÊNERO E A TEORIA/ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

“Definir” em sua classificação dicionarizada é “verbo transitivo 1. Indicar as características específicas de (alguém ou algo); explicar o significado de; dar a definição de 2. Determinar a extensão ou os limites de; 3. Manifestar claramente; revelar; 4. Fixar, estabelecer” (BECHARA, 2011, p. 482).

Essas significações permitem inicialmente discutirmos algumas questões a respeito da identidade de gênero, desde que a definição de gênero é complexa. Para melhor observarmos esta afirmação podemos destacar os diversos formulários no qual aparecem o seguinte campo: gênero. Frequentemente nesses espaços a pergunta fixa é: qual é o seu gênero? Correspondente a esse questionamento o mais comum é que existam apenas duas alternativas para que o indivíduo possa assinalar: o masculino e o feminino.

Em termos gerais, a orientação sexual, por exemplo, diz respeito à atração que sentimos por outros indivíduos e, geralmente, envolve questões sentimentais, e não somente sexuais (CUNHA, 2014). Tal como afirma a psicóloga Priscila Junqueira: “A orientação sexual irá fazer com que a pessoa busque relacionamentos afetivos-sexuais com pessoas do mesmo sexo (homossexual), sexo oposto (heterossexual) e ambos (bissexual)”. (ARPINI, 2017). Isto norteia de maneira mais clara e objetiva nossa discussão pertinente a diversidade de gênero.

É plausível dizermos que a definição do que é ser “homem” ou “mulher” tenha surgido a partir de uma divisão biológica, isto nos permite organizarmos categoricamente algumas questões simples, no entanto, só a experiência humana nos mostra que um indivíduo pode ter outras identidades que refletem diferentes representações de gênero (como os transexuais e transgêneros) que causam a quebra desses arquétipos estabelecidos por uma definição inicial, assim nossa discussão é pautada antes de tudo na quebra dos modelos que se encaixam nas categorias padrões. Assim:

O corpo não é um lugar sobre o qual uma construção tem lugar, é uma destruição que forma o sujeito. A formação desse sujeito implica o enquadramento, a subordinação e a regulação do corpo. Ela implica igualmente o modo sobre o qual esta destruição é conservada (no sentido de sustentada e embalsamada) na normalização (BUTLER, 2002, p. 147).

Quebrar esses arranjos, arquétipos e modelos padrões é reconhecer que os casais gays ou lésbicas, as novas identidades homoafetivas e as identidades que desestabilizam as identidades sexuais sejam homo ou heterossexuais, nas palavras de Butler (2002, p. 288): “trata-se antes de uma subversão interna no seio da qual a binaridade é pressuposta e disseminada até o ponto em que ela cessa de fazer sentido”. Desta forma, abra-se espaço para discussão de diversidade de gênero que está emergindo nos meios sociais contemporâneos, e as instituições educacionais não podem ignorar essa realidade. Por isso, nós encontramos a necessidade de compreender e repensar a posição do professor(a) diante desse fato cotidiano.

Marco inicial para realização da Análise Dialógica do Discurso é quando emergem os discursos dos alunos de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, primeiro através do questionário e, em segundo lugar, no momento da entrevista semiestruturada, em que observamos os professores em formação explicitarem sua opinião/compreensão a respeito de gênero a partir da compreensão ativa e responsiva do discurso do outro, que é constitutivo do enunciado concreto dialógico (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010).

Observamos que a atribuição de novos sentidos por parte dos alunos revela esses sujeitos em sua realidade, e seu entendimento sobre a diversidade de gênero se torna fundamental para repensar a prática do professor em sala de aula e a formação de novos professores. Sendo assim, torna-se propício destacar a categoria de dialogismo que atravessa a constituição do próprio homem e, por consequência, a relação entre os textos por ele produzidos: “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (PORTO, 2015, p. 105). Para a compreensão dos textos, então, é necessário aprofundar “seu sentido, com o auxílio de outros sentidos” (BAKHTIN, 2003, p. 399-401), considerando-se que o sentido vivo, resultante do enunciado concreto, pois é a partir das entrevistas que surge um momento de interação verbal entre entrevistador/pesquisador e os entrevistados, isto é, dois interlocutores.

Pautados na compreensão de que interação verbal é a “realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p.127), o dialogismo se estabelece como base de comunicação verbal.

Nessa perspectiva, podemos ver como a entrevista semiestruturada permite estabelecer uma compreensão ativa e responsiva a partir da análise dialógica dos discursos dos alunos que emergem posteriormente aos questionamentos realizados.

Segundo Bakhtin/Volochínov: “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 137). Assim, a compreensão do enunciado concreto, conforme sugestão de Bakhtin (2003), segue o movimento dialógico de interpretação, que parte do relacionamento do texto com outros textos e contextos passados, as experiências dos alunos no decorrer da sua formação acadêmica universitária ou até mesmo em âmbitos escolares de ensino médio/fundamental.

Dessa maneira, observamos que a realização da pesquisa resultou no mapeamento de uma realidade consistente aos professores em formação da universidade Estadual da Paraíba, especificamente do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, acerca da compreensão de gênero. A universidade, assim como outras instituições – a igreja, a família etc. – é parte da chamada grande ideologia, ou dos sistemas ideológicos constituídos:

Segundo Bakhtin/Volochínov (2012), o lugar de reflexão e refração da ideologia constituída é justamente na esfera da vida cotidiana. É na vida, nas interações do dia-a-dia que os sistemas ideológicos constituídos encontram seu lugar, mas, ao mesmo tempo, por essas interações serão modificados, de forma dinâmica ((BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012 *apud* PORTO, 2015, p. 40)

A esfera da vida cotidiana, então, apresenta uma ideologia, a que Bakhtin/Volochínov chama de “ideologia do cotidiano”, responsável por refletir e refratar, através da linguagem, os sistemas ideológicos constituídos:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a idéia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva. Ora, essa avaliação crítica, que é a única razão de ser de toda produção ideológica, opera-se na língua da ideologia do cotidiano (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 123).

Assim sendo, podemos aprofundar nossa discussão a partir dessas categorias no âmbito universitário, pautados na diversidade e no respeito como base para a construção do saber social.

5 COMPREENDER, REFLETIR E (RE)PENSAR

Uma tríade inseparável - compreender, refletir e repensar - deve ser o arquétipo inicial para (re)orientar nossas ações em relação ao mundo. Toda compreensão dá-se através da própria capacidade de conter em si a compreensão a respeito de alguém ou algo. Apropriando-se de tal conceito podemos refletir a partir de nossas ações para repensar nosso lugar no contexto social como sujeitos críticos e reflexivos.

O gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais. De maneira informal, gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse 'lidar' para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo. Essa definição produz importantes consequências. Entre elas: o gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional. Não diz respeito apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas à sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 48-49)

No momento da aplicação do questionário, houve por parte dos alunos, iniciantes e veteranos, dúvidas sobre o que era 'não binário'. Desta forma, percebeu-se a falta de referência sobre questões de gênero entre esses alunos, não é à toa que 73 alunos assinalaram a alternativa “não sei o que é não binário”, no questionário, por isso já antecipamos que muitos alunos confundiriam essas noções na entrevista.

Dito isto, é plausível destacarmos que ao contrário de “ideologias” ou “doutrinas”, que são pautadas e sustentadas por crenças ou fé, o conceito de gênero está estruturado em parâmetros científicos, como nossa pesquisa de campo, um meio pelo qual buscamos identificar processos históricos sociais e culturais que classificam as pessoas a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino e principalmente como a quebra desses arquétipos deve ser refletida. Desta maneira, em nossa pesquisa estamos tratando de um sistema que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula indivíduos, emoções e práticas dentro de uma estrutura de poder que pode, entre outros, assim, podemos começar a (re)fletir-se sobre a exclusão social e conseqüentemente sobre questões de desigualdade pertinente a diversidade de gênero. Conforme esclarece Carvalho, a respeito desse embate:

Vetos ao termo ‘gênero’, apresentados por setores conservadores em Câmaras Municipais e Assembleias Legislativas de todo o país, levaram a que fossem suprimidas desse plano qualquer discussão relativa à desigualdade entre homens e mulheres e à sexualidade. Identificadas por esses setores como resultado de uma pretensa ‘ideologia de gênero’, foram

banidas da maioria dessas propostas quaisquer ações das escolas sobre direitos iguais, respeito à diversidade, combate ao preconceito e à discriminação. Esse embate – mais baseado no obscurantismo e na confusão de ideias que no confronto democrático de opiniões diferentes – gerou muita desinformação e atualizou a importância de divulgar os significados do conceito de gênero com seriedade e clareza [...] (CARVALHO, 2015, p. 12).

Nessa perspectiva, entendendo que a compreensão sobre gênero traz à tona a necessidade de produzir e divulgar melhor o conhecimento sobre a diversidade que envolve o conceito.

Para provocar essa reflexão, então, selecionamos como base para análise a última questão do roteiro de entrevista, que indagava o seguinte: “Caso seu companheiro(a) resolvesse mudar de gênero, você o abandonaria?”.

A referida questão teve o objetivo de causar reflexões a respeito de como os professores em formação compreendem gênero, mas do ponto de vista particular, visto que a pergunta se refere a uma questão da vida privada. Com base nas reflexões provocadas junto aos professores em formação, torna-se possível compreender a temática a partir do “aprofundamento do sentido, com o auxílio de outros sentidos” (BAKHTIN, 2003, p. 399-401), estabelecendo o diálogo entre as esferas privada e pública.

O aluno T, veterano, que se intitula como heterossexual, namorando, ao ser questionado: “caso sua companheira resolvesse mudar de gênero, você a abandonaria?”, nos apresenta uma opinião que corrobora o desconhecimento dos termos específicos entre gênero e sexualidade:

Aluno T: Bom, é... se minha namorada resolvesse mudar de gênero ficaria complicado porque eu sou homem e hétero. Não sei.

P- Mas ela mudaria o gênero, e não a sexualidade

Aluno T: Como assim?

P- Ela continuaria sendo hétero dentro da orientação sexual, ela mudaria apenas o gênero...

Aluno T: Eu não sei... é como se eu não soubesse como lidar, eu acho que entraria em conflito sei lá... porque sou homem e hétero e ela seria mulher... quer dizer, iria ser homem e...

P- Então você abandonaria... sim ou não?

Aluno T: Provavelmente, até porque também se ela quisesse mudar ela não iria querer continuar comigo (Aluno T, 2018)

Conforme observamos a partir do trecho acima, quando o pesquisador explica que a sua companheira mudaria o gênero, e não a sexualidade, prontamente o aluno T pergunta: “Como assim?”, demonstrando sua confusão em diferenciar gênero de sexualidade. Mais adiante, o aluno T confirma que, para ele, a sexualidade e o gênero se

confundem, já que sendo “homem e hétero e ela seria mulher... quer dizer, iria ser homem e...”, “provavelmente” abandonaria a sua companheira, caso ela mudasse de gênero. O aluno T, ainda, para reafirmar seu posicionamento, coloca-se no lugar do outro, aqui representado por sua namorada, procurando no dialogismo com a palavra dela justificar que “é como se eu não soubesse como lidar”.

A aluna K, por sua vez, sobre a mesma pergunta, manifestou-se assim:

Bem, é mudar de gênero literalmente (risos), tipo não ser bi sexual? Não haveria muito problema, certo, visto que isso aí no nosso relacionamento, isso aí não causaria nenhum impacto porque ele não deixaria de ser ele, agora se ele se revelasse gay, então ele mesmo não iria mais me querer né... então como é que eu iria continuar? (Aluna K, 2018).

Percebe-se uma relação dialógica interessante entre o discurso do Aluno T e da Aluna K. Ao ser indagada sobre a mudança de gênero de seu companheiro, a referida aluna também se refere a gênero e sexualidade como sinônimos, conforme sua afirmativa: “se ele se revelasse gay, então ele mesmo não iria mais me querer né...”. Ambos os alunos apresentam o mesmo discurso: apesar de serem de gêneros e orientação sexual diferentes, eles parecem refletir uma compreensão heteronormativa de gênero, fazendo uso da palavra do outro para justificar seu posicionamento. Conforme Louro:

Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja ‘assentada’ ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 1997, p. 26-27).

O aluno X, veterano, que também se intitula como heterossexual, solteiro e, ao ser questionado com a mesma pergunta, nos apresenta uma opinião um tanto diferente de seus colegas:

Assim, para mim tá com uma pessoa teria que tá com ela por amor, né... e eu acho que amor ele parte muito da admiração da pessoa, então se eu admiro muito uma pessoa pelo o que ela faz, pelo o que ela é, se ela diz que é... mudar, provavelmente eu continuaria porque não tem pra quê, não teria porquê eu me manifestar diferente, já que eu tô com ela, já que eu escolhi estar com ela (Aluno X, 2018).

Essa resposta demonstra sem dúvida que a heterossexualidade não está ligada ao gênero da pessoa/sujeito, na opinião do aluno X. O referido aluno, de maneira clara, apresenta a compreensão de gênero como uma construção do indivíduo e, ao ser questionado sobre a possível mudança de gênero de sua companheira, manifesta-se discursivamente como indiferente, fazendo uma distinção nítida entre sua orientação sexual – heterossexual – e o gênero.

Posicionamento semelhante é visto no discurso da aluna Y, que fala abertamente sobre questões que implicam na compreensão de gênero como construção:

Não. Não abandonaria, até já conversei, converso isso com meu marido direto porque assim, eu tenho muitos questionamentos a respeito da minha... da minha... né nem da minha sexualidade, eu acho que é questão do meu gênero porque assim, eu sempre me senti diferente das minhas amigas e dos meus amigos”. Para aprofundar a discussão o pesquisador pergunta por que ela sentia-se diferente, em seguida ela responde, “Porque... Bom, vamo começar de início. Lá em casa somos em duas irmãs, meu pai é.. nos criou sem fazer distinção nenhuma por exemplo, meu pai é pedreiro, ele colocava a gente pra trabalhar, pra ser servente, hoje eu passo um reboco na parede (risos), sento uma porta eu fazia isso e nunca me senti prejudicada por ser mulher e estar fazendo isso, às vezes minha mãe é... comentava com ele e eu ouvia “Nezinho não faça isso, é uma menina não sei o que... como você bota a menina pra fazer isso? Aqui não tem isso não... ela não é incapacitada porque é mulher” e eu cresci acreditando nisso, eu cresci é... achando que eu não era impedida de fazer nada que eu quisesse fazer e isso batia... eu ficava olhando as minhas amigas e não me identificava porque eu gostava de fazer coisas que até então são designadas a meninos, eu por exemplo, não gosto de usar sutiã, eu não gosto de usar salto e quando eu vou conversar com alguém o povo “não oxê, machinho, machinho...”, porque eu não gosto de usar perfume feminino só gosto de usar perfume masculino, pelo meu jeito de falar, meu jeito de me vestir e eu ficava sempre me questionando por quê? Depois, quando eu comecei a me relacionar amorosamente com as pessoas, eu sempre me apaixonei pelas pessoas é... que não se enquadravam nos padrões é... de beleza é... da sociedade, eu sempre me questionei porque desde de novinha eu pensei que quando a gente se apaixonava por alguém é pela personalidade e depois quando eu fui amadurecendo, fui envelhecendo, eu fui fortalecendo essa minha perspectiva e conversando com meu marido esses dias eu tava dizendo a ele que, que quando eu me apaixonei por ele eu não me apaixonei porque ele era homem, porque ele tinha o órgão sexual um pênis, porque ele se enquadrava no padrão da heteronormatividade, não. Eu me paixonei pela personalidade dele, pela pessoa que ele é até porque quando eu conheci ele eu não senti atração sexual de início, eu senti um interesse em conhecê-lo, a atração sexual veio depois assim como nos meus outros relacionamentos e com base nessa minha teoria né... que eu não sei nem se tá certa ou não, eu acho assim, que independente de gênero, quando

a gente gosta, e agente quer tá com a pessoa, a gente que pela personalidade da pessoa e nisso se ele quiser mudar de gênero pra mim, tanto faz porque se ele não mudar a personalidade, nós estamos aí (Aluna Y, 2018).

Notoriamente a aluna Y evidencia: “Eu me apaixonei pela personalidade dele, pela pessoa que ele é” o que de fato aprofunda nossa discussão pautada na compreensão de gênero sob uma perspectiva não limitada apenas ao ato sexual. Em seguida, a aluna Y ainda reafirma: “até porque quando eu conheci ele eu não senti atração sexual de início, eu senti um interesse em conhecê-lo, a atração sexual veio depois assim como nos meus outros relacionamentos e com base nessa minha teoria né.” Assim, tonar-se claro como a compreensão de gênero para ela está ligada à construção social do sujeito.

Assim, não podemos pensar o ser mulher ou ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. As pessoas constroem a si mesmas como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na ordem de gênero – ou respondemos ao lugar que nos é dado -, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 39).

De acordo com o que foi demonstrado, os alunos apresentam opiniões diversas sobre o conceito de gênero, quando questionados sobre a temática no cenário de sua vida privada, cotidiana, expressa pela ideologia do cotidiano, que possuem uma ligação com os sistemas ideológicos constituídos, representados aqui pela produção científica na universidade.

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a idéia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 123).

Assim, é possível enxergar como a ideologia do cotidiano reflete a tensão discursiva que existe sobre a compreensão de gênero no âmbito privado/cotidiano [quando os entrevistados se manifestam sobre a mudança de gênero de seus(uas) companheiros(as)] e, ao mesmo tempo, refrata esse discurso na esfera pública (a universidade), fazendo emergir sentidos diferentes sobre a mesma questão. Nesse sentido, partir da esfera privada/cotidiano pode ser um interessante termômetro para sentir a compreensão de gênero na esfera pública. Especificamente, no curso de

licenciatura em letras – língua portuguesa, podemos entender como compreender gênero é antes de tudo uma necessidade real do professor em formação, visto que esses sujeitos demonstram ainda certa confusão quanto à compreensão da temática.

Apesar dos arquétipos arranjados pelos pais, pela sociedade, há um espaço propício no cenário da universidade para a discussão sobre a diversidade de gênero, e esta discussão deve ser vista como algo que corrobora uma postura inclusiva e respeitosa, a qual certamente influenciará a postura do futuro professor do ensino básico. Essa necessidade está exposta na fala do aluno X abaixo, que tem consciência de que ainda são poucas as discussões à respeito de identidade de gênero em seu curso, ao responder a questão 2 da entrevista:

P - N a tua formação enquanto professor de Língua Portuguesa, tu acha que há espaço para discussão sobre a diversidade de gênero?
Há, e deve ter. Como a gente tinha conversado, a questão da cadeira, deveria ter uma cadeira mas não como eletiva e assim, deveria ter uma base maior para a gente se aprofundar melhor, entender mais o assunto (Aluno X, 2018)

A partir desse afirmação apontada pelo aluno X, é possível abrimos aqui uma pequena discussão a respeito da disciplina eletiva ofertada pelo curso de Letras Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba. Vale ressaltar que a disciplina é eletiva porém a grade curricular exige quatro eletivas pagas durante a graduação. Como aluno da instituição e pesquisador na área de gênero senti-me convidado a fazer a disciplina com intuito de aprofundar minhas discussões sobre a temática e também diagnosticar o que fato está sendo trabalhado no curso de Letras sobre gênero. Diante disto, cursar a disciplina deixou-me um pouco triste e principalmente desapontado pela carência em relação ao conteúdo propriamente dito, a disciplina infelizmente destaca apenas algumas questões relacionadas a literatura “gay” e limita-se apenas a leituras voltadas a temática sem proposito de aprofundamento com discussões sob uma perspectiva real da sala de aula, desta maneira, não possibilitando a formação de professores voltada a um melhor reconhecimento sobre a diversidade de gênero.

Assim, é cognoscível que o estudo do gênero a partir de um olhar mais profundo sobre a identidade de gênero como uma dinâmica de construção pertinente aos aspectos do cotidiano deve ocupar maior espaço de discussão no curso de licenciatura em letras. Precisamos abrir espaço para que os nossos professores em formação repensem a sua prática docente a partir do reconhecimento dessa diversidade de gênero, sem restrições

heteronormativas, ou de confusões entre gênero e sexualidade, a fim de desenvolverem um olhar mais inclusivo quanto à diversidade.

6 CONCLUSÃO

De posse desses, entre outros relatos, podemos então perceber como compreender gênero no curso de Letras e mais especificamente nos cursos de licenciatura, é fundamental, pois compreender essa temática é colaborar com a formação de professores mais inclusiva e com o respeito à diversidade de gênero, a qual pode influenciar de maneira direta a sua atuação no ensino básico.

Para tanto, recorrer as discussões sobre gênero é quando se pensa na educação formal enquanto local de socialização do conhecimento de como esse âmbito prepara o aluno para a vida cidadã, é inevitável não levarmos em consideração a influência de seu papel na vida dos educandos.

Assim, nos âmbitos sociais, escolas, universidade e até mesmo creches, devem propiciar um espaço que oportunize também compreender a história da diversidade de gênero e também da sexualidade, os meios que proporcionam exclusão e de produção da norma sexual construídos ao longo do tempo e, assim, (re)reconstruir o saber dos professores em formação resultará na possibilidade dos sujeitos em construção repensarem as formas de ser, preservando e respeitando a individualidade e a diversidade entre os mesmos.

Cabe aos professores em formação, cabe também a escola, um trabalho que coloque a diversidade e respeito como base para a construção do saber social. Para tal, é desmistificando essa ideia de padrão a seguir, é que não mais discutiremos a respeito de igualdade e diferença, fazendo com que a seja possível celebrarmos mais palavras como respeito e inclusão.

Para tanto, o referido trabalho conseguiu mapear e descrever as identidades de gênero que emergem entre os estudantes da graduação de Letras (Língua Portuguesa), campus I; Em seguida, selecionou, entre esses estudantes, identidades de gênero diversas, para realização de entrevistas, para que fosse possível analisar qualitativamente os sentidos que aparecem e circulam entre os referidos estudantes, estabelecendo as relações dialógicas desses discursos com o discurso alheio. O que resultou na compreensão de como os discursos sobre gênero podem (re)orientar o

tratamento da temática nos referidos cursos de licenciatura, para uma formação de professores mais inclusiva quanto à diversidade.

“Não se nasce professor, torna-se professor” é uma paráfrase de Simone de Beauvoir a qual ilustra, após a realização da pesquisa que, de fato, evidenciamos “um caminho crítico e reflexivo a respeito da diversidade de gênero”, reafirmando como o discurso pode reorientar as ações dos professores que vão encontrar na sala de aula uma diversidade singular.

É através da realização desse trabalho que propomos de maneira plausível a construção de uma nova percepção a respeito da diversidade, pois, assim, devemos reorientar o professor, fazendo com que ele veja o aluno como sujeito em construção, que não precisa se enquadrar no arquétipo binário para tornar-se um sujeito crítico e reflexivo.

É também através do pesquisador, dos alunos entrevistados, de todo mapeamento realizado na instituição de ensino que forma professores, que apontamos o trabalho a partir da emergência de situações reais, em contextos reais. Estes precisam ser reconhecidos para que possamos fazer com que a educação aconteça de forma pluralizada, sem restrições e principalmente pautada no respeito. Destarte, tornar-se um sujeito na sociedade contemporânea é reconhecer-se diante das dificuldades que impedem a emergência de protótipos/modelos singulares. Como professores em formação é entender que o ser humano não nasce, homem, mulher, binário, não binário, homossexual, heterossexual, jornalista, médico, professor e etc., tudo se constrói.

ABSTRACT

The mainly objective of this research is to promote a reflection how the gender is understood by students of the Course of Licenciatura in Letters (Portuguese Language) of UEPB and how they react against this thematic, once they must be prepared to deal with different gender identities on classroom. This research has been directed by Bakhtin Circle about concrete statement, of dialogism, active and responsive understanding and the ideology of daily life. Thus, the work followed two initial steps for its accomplishment: the first was the mapping and the description of the gender identities that emerge among the students of Letters (Portuguese Language) of UEPB; the second, concomitant with the first, was the distinction among these students of diverse gender identities. After this, there was a triage for the interviews, which tried to qualitatively understand the meanings that appear and circulate in the students statements on gender issues, establishing the dialogical relations of these discourses with other discourses, through the dialogical-discursive method of data analysis, which provided a space for dialogue between researchers and subjects (students of Letters, future teachers), to understand them in their social context, via discourse. So this study concluded that understanding gender through the discourse of students of Letters can initially situate the treatment of the theme in the aforementioned undergraduate course, to contribute to a more inclusive training of teachers and, in this way, to support the need for discussion about gender and diversity as something complementary to the teaching career.

Keywords: Divesity Gender. Understanding. Letters. Dialogical Analysis of Speech. Teacher training.

REFERÊNCIAS

- ARPINI, N. Psicóloga explica diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/psicologa-explica-diferenca-entre-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em: 21 de novem. de 2018.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara*. - 1. Ed. - Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Coleção Sujeito & História. 11ª ed. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CARVALHO, M. P. de. Prefácio à edição brasileira. In: CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. 3ª ed. Trad. E revisão técnica: Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. 3ª ed. Trad. E revisão técnica: Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.
- CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Dossiê: feminismo em questão, questões do feminismo. *Cadernos Pagu*, nº 16, 2001, p. 13-30.
- CUNHA, C. Gênero e identidade: Muito além da questão homem-mulher, 2014. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/genero-e-identidade-muito-alem-da-questao-homem-mulher.htm>. Acesso em: 19 de out. de 2018.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- Louro, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997
- MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. A experiência identitária na lógica dos fluxos: uma lente para se compreender a vida social. In: _____ (orgs.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- PORTO, L. M. F. *Análise dialógico-discursiva da atividade dos cuidadores de idosos em instituições geriátricas do Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2010.

_____. *Manuais do cuidador: uma abordagem ergolinguística do envelhecimento humano*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2015.

RIESSMAN, C.K. *Narrative Methods for the Human Sciences*. Califórnia: Sage Publications, 2008.

SAMPAIO, M. C. H. *et. al. O método dialógico-discursivo: aplicações em estudos da memória-trabalho*. Trabalho completo. Anais do Simpósio Internacional – Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais e na Prática Social, Recife, 2006. Em Cd-Rom.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO



UEPB

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
 Centro de Educação – CEDUC
 Departamento de Letras e Artes – DLA

QUESTIONÁRIO:

**COMPREENDER GÊNERO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:
 UMA QUESTÃO NECESSÁRIA À FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Leia atentamente as questões e marque apenas uma das alternativas.

É importante esclarecer que não há respostas certas ou erradas. Procure responder as questões apresentadas de acordo com as suas concepções sobre os assuntos abordados.

NÃO É PRECISO ASSINAR, MAS COLOQUE SEU TELEFONE: _____

1. **Qual período e o turno do curso de letras?** _____
2. **Gênero:**
 Feminino Masculino Transgênero Outro (especifique): _____
3. **Idade** ___ anos
4. **Estado civil:** _____
5. **Cidade onde mora:** _____
6. **Em sua formação acadêmica, em algum momento você foi orientado(a) como lidar com questões relativas as identidades de gêneros não binárias?**
 Sim Não Não sei o que é “Não binário”
7. **Você já fez alguma disciplina, curso de capacitação, curso de extensão, ou participou de algum projeto de pesquisa (como pesquisador) voltado para a compreensão da temática de gênero?**
 Não Sim/ Qual(is): _____
8. **Na sua opinião, a escola está preparada para lidar com crianças transgêneros?**
 Sim Não Acho absurdo discutir gênero na escola.
9. **Na sua opinião, uma identidade de gênero que não seja masculino ou feminina está ligada a:**
 (a) É genética, ou seja, “já nasce com a pessoa”.
 (b) É aprendida, ou seja, depende das experiências de vida da pessoa.
 (c) É uma escolha, ou seja, a pessoa opta por ser transgênero.
 (d) É genética e aprendida, ou seja, é o resultado da interação entre a genética e as experiências de vividas pela pessoa.
 (e) Está ligada à homossexualidade da pessoa.
10. **Quanto a sua orientação sexual, você se considera:**
 Heterossexual Bissexual Homossexual Panssexual Assexuado

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UEPB

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Centro de Educação – CEDUC

Departamento de Letras e Artes – DLA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Enquanto aluno (a)(e) do ensino básico e da universidade, você já vivenciou ou presenciou alguém que vivenciou qualquer tipo de situação constrangedora por sua orientação sexual ou por ser não binário? Relate sua(s) experiência(s).
2. Na sua formação enquanto professor(a)(e) de língua portuguesa, há espaço para discussão sobre diversidade de gênero?
3. Como você acha que deve ser a abordagem da diversidade de gênero na universidade, para contribuir para uma formação de professores mais inclusiva?
4. Você já teve um aluno ou uma aluna que apresentasse comportamentos que são considerados diferentes do ‘padrão’ em relação à sexualidade e ao gênero? Relate sua experiência e, caso não, como você reagiria em determinada situação?
5. Na sua opinião, tratar do tema “diversidade de gênero” na escola é delicado? Por quê?
6. Caso seu companheiro(a) resolvesse mudar de gênero, você o abandonaria?